

Ao Leandro Konder, marxista, mestre e amigo

Perdemos Leandro Konder, falecido no dia 12 de novembro de 2014. Ele foi o pensador marxista mais gentil que já conheci. Leandro sempre teve a clareza de que o marxismo é civilizador, por ser crítico e ao mesmo tempo possibilitar a reunião e o encontro, por estimular a verdadeira expressão das divergências, aquelas que se evidenciam entre iguais. O marxismo, como Leandro, se nutre quando aumenta o tamanho do mundo e de nossas possibilidades nele.

Há oito anos atrás, em novembro de 2006, tive a satisfação de participar de uma homenagem a Leandro, no lançamento de número especial da revista Chronos (UNIRIO) dedicado a ele. Naquela época, Carlos Nelson Coutinho, outro grande amigo, ainda estava vivo. Na tristeza da perda, gostaria de compartilhar a homenagem que Leandro Konder recebeu em vida. Fiz apenas mínimos ajustes.

Sinto-me honradíssima e, sobretudo, feliz, por estar aqui junto com o amigo, o mestre, o companheiro Leandro Konder. Quando Luciano Maia me convidou em nome da reitora da UNIRIO, Malvina Tuttman, fiquei alguns instantes hesitante, sabendo não estar à altura de tal tarefa.

Tenho certeza que Carlos Nelson Coutinho, amigo de sempre de Leandro, saberia contar belas e divertidas histórias, partilhando de muitas lembranças comuns, de polêmicas, conversas e brincadeiras. Lembrando das lutas comuns, dos textos debatidos em conjunto, das noitadas de jantares, vinhos e longos papos, juntamente com Milton Temer, amigos eternos. Tenho a sorte de ter encontrado esses amigos – um a um, em diferentes momentos – ao longo de minha vida.

Mas, se eu sabia não estar à altura, por outro lado, o convite me deixou feliz de poder prestar uma homenagem ao mestre e amigo Leandro Konder. Estar aqui, compartilhando o lançamento dessa bela – e séria – revista Chronos, que vem a tempo dedicar-se a um pensador que consagrou muitas e muitas horas do seu tempo para pensar o tempo. Estou encantada de poder participar de corpo e alma dessa homenagem a um grande amigo (nós, materialistas, sabemos pertinentemente que somos feitos de matéria, de consciência e de afetos. Leandro Konder, aliás, jamais nos deixou esquecer isso). Ele se

dedicou aos tempos em que vivemos, às formas como nos inserimos nesse tempo, como nos modificamos – singular, social e historicamente –, como precisamos aprender a pensar autonomamente para percebermos o quanto somos, de fato, constituídos coletivamente.

Leandro é um autor, um pensador, um professor, um mestre, um colega, um amigo múltiplo. Não poderei homenageá-lo com o mesmo rigor de suas tantas qualidades. Mas quero destacar dois elementos que para mim são referências centrais em sua trajetória.

1. O primeiro é a relação entre Cronos (nome da revista) e a dialética (ou entre a história, o conhecimento e a vida humana e social).

Cronos é um deus perverso, genial e necessário, que continua nos dando à luz e nos devorando, a nós todos, seus filhos. Na mitologia grega, Cronos é um deus transitório, que figura entre dois momentos de transformação do mundo mitológico. Filho dos Titãs primordiais (Urano, o céu e Gaia, a terra), caberá a Cronos implantar o domínio do tempo sobre os elementos e o fará castrando seu pai. Para não ser destronado, devoraria seus filhos. Zeus, protegido por sua mãe, destrona o pai, e predominaria doravante sobre os deuses olímpicos.

Nós, como Zeus, nascemos de Cronos e a cada vez ele nos devora.... Porém, se o filho destronou o pai, tornando-o também mortal, como todos nós, também ele deveria pagar o tributo do tempo ao pai. A imortalidade de Zeus seria também transitória, como a de seu pai. Figura hoje no rol das mitologias e dos tantos deuses produzidos pela humanidade.

Goya retratou de forma magnífica Cronos em sua extrema crueldade, aquela que nos faz sentir o tempo que transcorreu e sua inexorabilidade. Cronos, porém, é muito mais do que essa crueldade aparente e imediata. Cronos é, sobretudo, a entidade que nos impele a agir, a viver no tempo, ao nos dar à luz, explicitando desde sempre que nos devorará. É exatamente nessa relação tensa e maravilhosa com o tempo, que é a relação específica da vida humana e social, relação que é necessariamente dialética, que sempre atuou Leandro Konder.

A dialética é um mundo de Cronos. Como Cronos, a crueldade da dialética impele, e exige vencê-la, sabendo de antemão de que tudo o que fizermos precisará – necessariamente – ser ultrapassado, ser superado, ir mais longe. A dialética é aprender a pensar. Aprender a pensar é buscar o absoluto possível no horizonte da impossível

infinitude singular, mas que se desdobra numa infinitude real e social. É a pretensão de compreender a profunda e consistente historicidade que nos constitui, que nos integra como parte de nós mesmos e que exige que nos separemos dela (como o filho se separa da mãe), para percebermos que também a construímos, que também a fazemos com nossas mãos, nosso agir, nosso pensar. É aprender a compreender as rupturas, as crises, as negações como parte integrante de nós mesmos e que carregaremos – como história – após conseguirmos, coletivamente, modificar o mundo.

Tantas e tantas vezes esse mundo humano já foi profundamente transformado... Tantas sociedades radicalmente diversas umas das outras já existiram, na qual seres singulares – homens e mulheres – eram ao mesmo tempo parecidos conosco e radicalmente diversos de nós. Não somos mais nossos antepassados, mas os carregamos conosco. E é porque com eles rompemos, mas os carregamos, que podemos ser outros, que podemos compreender a nossa diferença específica e enfrentar a exigência de Cronos: a possibilidade de transformar nossa própria existência.

Com Cronos, a dialética só pode ser transformadora. Não se coaduna com um mundo banal do repetitivo e da mera conservação. Não tolera classes dominantes sempre reiterativas, ainda quando pretendem substituir a transformação histórica por um mudancismo permanente. E se alguém, no Brasil, estudou, compreendeu, defendeu e divulgou a dialética, foi Leandro Konder. Não apenas nos livros destinados a ela, mas em todos os seus trabalhos, em todos os seus gestos.

2. Marxista e militante – a práxis.

Chego no segundo ponto que quero destacar, o da socialização do aprender a pensar. Leandro Konder não é apenas um pensador, é um militante. Poderia facilmente ter utilizado como “moeda de troca” os saberes que teve a chance de compartilhar em família, o conhecimento, fruto de tantas horas de trabalho e de leitura, de sistematização, de pesquisa. Ao contrário, sempre disponibilizou socialmente sua erudição, seu conhecimento, sua enorme cultura. Sua vida é, pois, plena de sentido – aquele sentido que não se compra, mas se produz. Eu dou aulas em diversos cursos do MST, onde Leandro Konder é uma das pessoas mais queridas e um dos intelectuais mais admirados, uma referência permanente.

Num país escasso de fortes tradições culturais socializadas, a trajetória de Leandro é um emblema, compartilhando a luta, dividindo seu conhecimento para multiplicá-lo, permitindo-nos o acesso aos tesouros que sua biblioteca infinita comporta, participando ombro a ombro nas batalhas decisivas.

Tanto na reflexão dialética, como na luta social, não deve haver unanimidade – Nelson Rodrigues bem dizia que ela é sempre burra. Assim, há muito que discutir, discordar, debater com Leandro! Aprender a pensar é aprender também a contestar. Mas este seria o dossiê dos debates, que fazemos todos os dias e que não abrirei aqui.

Para finalizar, quero agradecer a chance de poder dizer publicamente o que eu sinto a esse amigo, filósofo, educador, historiador, militante, doce marxista, engajado na vida. Ao lado da admiração, minha enorme ternura e afeto por Leandro. Obrigada, meu amigo, por ser quem você é. Continue a ser Leandro Konder na vida! Precisamos muito de você.

Virgínia Fontes